

8

CAPÍTULO

REDES SOCIAIS, VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E POLÍDEZ: PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Andréia Silva Araujo
Kelly Carine dos Santos
Raquel Meister Ko. Freitag

INTRODUÇÃO

Como Elisa Battisti mostrou no capítulo anterior, as redes sociais vêm sendo utilizadas nos estudos variacionistas a fim de contribuir para a análise dos processos de variação e mudança linguísticas, uma vez que, com essa metodologia, torna-se possível realizar uma análise com base na frequência e qualidade da interação dos membros constituintes das redes, abrindo espaço para um estudo voltado ao campo da pragmática. Entrevistas sociolinguísticas têm sido fonte produtiva para a realização de descrição linguística no português; no entanto, não possibilitam realizar uma análise voltada para os papéis sociopessoais dos interlocutores envolvidos (entrevistador-entrevistado) (FREITAG, 2010; 2012), o que é essencial para captar os efeitos dos valores de polidez nos usos linguísticos.

A polidez é uma estratégia linguística utilizada com o objetivo de evitar conflitos na interação verbal. Segundo Brown e Levinson (2011), trata-se de uma estratégia para preservarmos a nossa face e a do outro com o intuito de estabelecer uma comunicação econômica e eficaz, sem atritos. O valor de polidez emerge em contextos específicos, com fatores fortemente correlacionados: do ponto de

vista pragmático, a distância social, as relações de poder/poder relativo e o custo da imposição, são fatores fortemente envolvidos na avaliação de quais estratégias linguísticas são mais ou menos polidas (BROWN; LEVINSON, 2011); e do ponto de vista sociolinguístico, a relação entre sexo/gênero dos interlocutores mostra-se significativa. Para constituir uma amostra de fala que capte os efeitos de polidez envolvidos no processo interacional, faz-se necessário desenvolver uma metodologia que permita apreender esses fatores.

1. INTERAÇÕES CONDUZIDAS: COMUNIDADES DE PRÁTICAS E REDES SOCIAIS

Para controlar a correlação entre os graus de proximidade, relações de poder, custo da imposição, aspectos pragmáticos e o sexo/gênero – variável sociolinguística clássica – é preciso delinear uma estratégia de coleta que considere uma unidade de análise – comunidade de prática – e uma proposta de hierarquização – redes sociais.

1.1. A comunidade de prática em foco

Uma comunidade de prática é um agrupamento de pessoas que se engajam em um empreendimento comum e é durante esta atividade conjunta que as práticas emergem – “o modo de fazer as coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder” – (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010, p. 102). As autoras explicitam que uma comunidade de prática pode ser representada “por pessoas trabalhando juntas em uma fábrica, *habitués* de um bar, companheiros de brincadeira em uma vizinhança, a família nuclear, parceiros policiais e seu etnógrafo, a Suprema Corte etc.”. E ressaltam que:

Comunidades de prática podem ser grandes ou pequenas, intensas ou difusas; elas nascem e morrem, podem sobreviver a muitas mudanças de membros e podem estar intimamente articuladas a outras comunidades. As pessoas participam de múltiplas comunidades de prática, e a identidade individual é baseada nesta participação. Em lugar de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como membro de um conjunto específico ou de um conjunto de grupos, ou como um amontoado de características sociais, precisamos enfocar as comunidades de prática. Tal foco possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática. (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010, p. 102-103)

Essa perspectiva de comunidade tem sido tomada por sociolinguistas, que estudam a variação em uma dimensão estilística, por objetivarem captar com mais detalhes a dinâmica do valor social das variáveis (FREITAG; et al., 2012) e, assim, observarem como ocorre a construção da identidade do indivíduo e a construção do significado social. Estudos nessa perspectiva têm sido chamados de terceira onda da sociolinguística. A terceira onda incorpora postulados dos estudos da primeira e a segunda, mas com um diferencial: o foco passa da comunidade de fala para a comunidade de prática (FREITAG; et al., 2012).

Para constituirmos a amostra “Rede social de informantes universitários”, escolhemos uma comunidade de prática pertencente à cidade de Itabaiana/SE. Esta cidade localiza-se no agreste central do Estado de Sergipe, a 58 km da capital Aracaju. O município possui uma área de 336.693 km² e tem uma população estimada em 91.873 habitantes. A Figura 1 a seguir destaca a localização geográfica da cidade de Itabaiana no mapa de Sergipe.



Figura 1 – Localização de Itabaiana/SE no mapa de sergipe. Fonte: Wikipédia

Em decorrência do programa do Governo Federal de expansão e interiorização da educação superior no Brasil, a cidade de Itabaiana recebeu um *campus* universitário – Universidade Federal de Sergipe, *campus* Prof. Alberto Carvalho. Suas atividades foram iniciadas no dia 14 de agosto de 2006 e há, atualmente, dez cursos em funcionamento, entre os quais sete são de licenciatura. O *campus* recebe cerca de 2.500 estudantes diariamente provenientes da cidade de Itabaiana e das circunvizinhas.

A instalação do *campus* foi muito importante para os habitantes dessa região, por aumentar a possibilidade de estes terem acesso ao nível superior. Segundo Freitag (2012, p. 932), “ser universitário é uma conquista familiar da maioria: pesa a responsabilidade de ser o primeiro universitário em uma família de pais

que não tiveram a oportunidade de ter acesso à escolarização”. Os estudantes passam pelo menos quatro horas diárias no ambiente universitário, desenvolvendo atividades, compartilhando valores e conhecimentos. Há estudantes que, seja por morarem distante, seja por morarem em outra cidade, vão para a universidade em ônibus escolares ou particulares e durante o trajeto, estabelecem contato uns com os outros. Esse engajamento social que há entre os universitários do *campus* de Itabaiana nos permite defini-lo como uma comunidade de prática, nos termos que propõem Eckert e McConnell-Ginet (2010), porque há um conjunto de pessoas agregadas para aprender, construir e fazer a gestão do conhecimento.

1.2. Redes sociais

Para a construção de um modelo metodológico de constituição de banco de dados de fala que capte nuances de polidez, partimos da hipótese de que não podemos ter a figura do entrevistador para conduzir o tópico como ocorre nas entrevistas sociolinguísticas (nos moldes canônicos), pois o entrevistador pode influenciar o uso linguístico do entrevistado, ocasionando o que tem sido denominado de efeito Rutledge¹. Além disso, nas entrevistas sociolinguísticas não é possível realizar uma “análise mais acurada dos papéis sociopessoais do entrevistador e sua relação com o entrevistado” (FREITAG, 2012, p. 295), o que é essencial para captar o valor de polidez. Para tanto, precisamos que os próprios informantes conduzam o tópico na interação para que assim possamos controlar o sexo, a distância social/grau de proximidade, o custo da imposição e as relações de poder estabelecidas por estes. Dessa forma, o pesquisador não participa da interação, para minimizar a influência nos dados coletados. Chamaremos essa situação de fala, em que os próprios informantes conduzem o tópico, de interações conduzidas, um procedimento metodológico de coleta de dados que se assemelha ao grupo focal.

Entre os fatores considerados, está a distância social entre os informantes, de ordem pragmática. Os usos linguísticos de um indivíduo estão fortemente correlacionados a essa distância. Isso significa dizer que, se um indivíduo tem um grau de proximidade forte com um interlocutor e fraco com outro, seu comportamento linguístico na interação com cada um deles é, provavelmente, diferente em decorrência do tipo de relacionamento. Portanto, o controle dessa variável

1 O efeito Rutledge é um conceito decorrente da reanálise do estudo de Montgomery (1998) em que se constatou que os resultados obtidos quanto à distribuição de *might could* em função do sexo/gênero foram influenciados por uma entrevistadora, Barbara Rutledge, que sugeria a resposta com a forma *might could*. (cf. FREITAG, 2012).

nos permite verificar se de fato os diferentes usos linguísticos são decorrentes do grau de proximidade existente entre os informantes. Mas como constituir um banco de dados controlando essa variável?

Buscamos respaldo nos modelos que consideram as redes sociais para observar/controlar as relações existentes entre seus membros. Tal teoria foi desenvolvida por antropólogos nas décadas de 1960 e 1970 e introduzida na Sociolinguística por Lesley Milroy, a partir da década de 1980. Os sociolinguistas utilizam essa teoria em suas análises “para verificar o papel do falante na inovação linguística (ou o bloqueio dela)” (BATTISTI, 2008, p.2).

Entende-se por rede social o conjunto de atores/pessoas que têm relações entre si, sejam elas por laços fortes (grau de proximidade alta) ou fracos (grau de proximidade baixa). Para controlar o grau de proximidade, é necessário focar em uma comunidade menor, para observar as redes sociais pessoais constituídas. No entanto, para a construção de um modelo metodológico que capte nuances de polidez, não é necessário identificar as diversas redes sociais das quais participam o informante e todos os tipos de intensidades de grau de proximidade, já que para controlar os fatores dimensão social, relações de poder, custo da imposição e sexo, cada informante terá que despende uma grande quantidade de tempo, cerca de 5 horas, para a realização das gravações das interações. Pode-se focalizar apenas em uma comunidade de prática e escolher um tipo de rede de relacionamento pessoal existentes. Por exemplo, dentro da comunidade de prática escolar, existem várias redes de relacionamentos, tais como: aluno-aluno, aluno-professor, aluno-funcionário, professor-funcionário, professor-professor, funcionário-funcionário. Para a formação da rede social, o primeiro passo para realizar a coleta é delimitar a comunidade de prática e escolher o tipo de rede a ser analisada.

O pesquisador pode identificar uma rede observando quem interage com quem, em uma dada comunidade e como ou por que eles estão interagindo, ou ainda perguntando quem são os melhores amigos, os com quem eles conversaram ontem, para que assim as pessoas definam suas próprias redes.

Essa relação de contato com os outros ainda pode ser vista como uma teia infinita de laços, que se estendem através de toda a sociedade interligando os seus membros (MILROY, 2002) com laços de primeira ordem, formado por pessoas que diariamente estão interagindo, e laços de segunda ordem, a partir dos quais as pessoas se interligam indiretamente.

Outro aspecto observável nas redes diz respeito à sua densidade e multiplexidade, como mostrou Battisti no capítulo anterior. Segundo Meyerhoff (2006), redes de baixa densidade tornam os indivíduos mais abertos à mudança, pois os laços que eles terão com outras redes irão contribuir para que utilizem inovações que adquiriram. Da mesma forma, Milroy (2002) acredita que as redes

constituídas de laços fortes (densa e multiplexa) contribuem para que a variedade linguística da comunidade resista a mudanças linguísticas. Os indivíduos podem participar de grupos diferentes e os laços fortes e fracos tendem a conectá-los, ligados em graus diferentes, já que os membros de uma rede podem se conhecer e se relacionar a partir de diversos graus de intimidade.

2. DELINEAMENTO DA AMOSTRA

O primeiro passo para a representação da rede social é a escolha da comunidade de prática e o tipo de relacionamento pessoal que se quer analisar, conforme ressaltamos. Feito isso, devem ser identificados os informantes que fazem parte da rede social escolhida. Não é necessário para a constituição do banco de dados que todos que fazem parte sejam considerados. Conseguimos contar com oito informantes, quatro homens e quatro mulheres, para a constituição da amostra. O Quadro 1 traz a distribuição e algumas informações sociais dos informantes que participaram da amostra.

Sexo/gênero	Informante	Idade	Curso/período	Cidade
Feminino	D. C.	28	Geografia/8º	Itabaiana
	A. G.	25	Geografia/8º	Campo do Brito
	J. S.	19	Pedagogia/2º	Frei Paulo
	L. R.	21	Pedagogia/8º	Frei Paulo
Masculino	D. S.	21	Geografia/8º	Itabaiana
	D. M.	24	Geografia/8º	Itabaiana
	W. S.	19	Ciências Cont./2º	Frei Paulo
	C. A.	30	Administração/9º	Frei Paulo

Quadro 1 – Distribuição e dados sociais dos informantes em rede social pessoal.

Os oito informantes formam dois grupos – cada um com duas mulheres e dois homens – em que aqueles que pertencem a um grupo têm relações de proximidade entre si, mas não com os informantes pertencentes ao outro. (Figura 2)

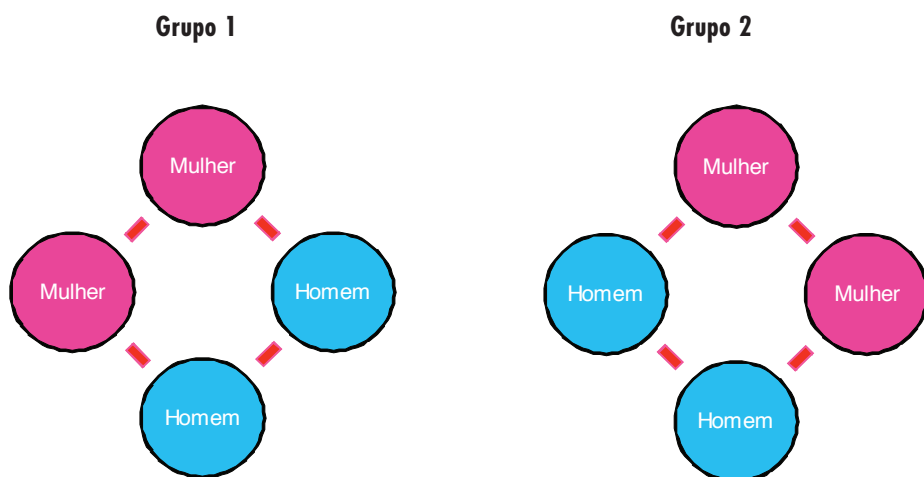


Figura 2 – Arranjo dos informantes

A distância social/grau de proximidade entre os informantes é controlada por meio da frequência com que interagem. Para mensurar a distância social/grau de proximidade entre os informantes, nos baseamos na proposta de controle de Blake e Josey (2003) e de Oushiro (2011). O controle deste fator foi estipulado a partir de uma escala de 1-5, que vai do grau máximo (grau 1) ao grau mínimo de proximidade (grau 5) entre os informantes (Quadro 2).

Grau 1 – Bastante próximo. Os informantes possuem laços fortes (amizade, parentesco, colega de trabalho ou escola etc.) e interagem diariamente;

Grau 2 – Próximo. Os informantes interagem frequentemente, mas não possuem laços fortes;

Grau 3 – Próximo. Os informantes não interagem frequentemente e não possuem laços fortes;

Grau 4 – Neutro. Os informantes se conhecem, mas não interagem com frequência;

Grau 5 – Distante. Os interlocutores não se conheciam anteriormente e só conversaram no momento da gravação da interação.

Quadro 2 – Escala de gradação para o controle da distância social entre os informantes da rede social.

Partimos da premissa de que os usos linguísticos dos informantes variem de acordo com o grau de proximidade existente entre eles: i) quanto mais forte for o grau de proximidade entre os informantes, menor será o número de ocorrências de estratégias de polidez (menos polido); e ii) quanto mais fraco for o grau

proximidade entre os informantes, maior será o número de ocorrências de estratégias de polidez (mais polido).

Quanto mais variáveis controlamos, maior é o número de informante e o tempo que cada um precisa dispor para a gravação das interações; por isso, focamos nos extremos: grau 1 e grau 5. O controle dos extremos da escala de gradação é suficiente para se verificar os efeitos de polidez decorrentes do grau de proximidade entre os interlocutores. A interação dos informantes dentro e entre os grupos deve ocorrer da seguinte forma: cada informante deve interagir com um homem e uma mulher com os quais tenha grau 1 de proximidade e com um homem e uma mulher com os quais tenha grau 5. Dessa forma, ao controlar o grau de proximidade entre informantes, controlamos também a variável sexo/gênero. O controle dessa variável desdobra-se, portanto, em quatro fatores:

- i) feminino → masculino;
- ii) feminino → feminino;
- iii) masculino → feminino;
- iv) masculino → masculino.

Para possibilitar o controle da variável pragmática relações de poder, cada informante interagiu duas vezes com o mesmo interlocutor. Em uma das interações, um dos informantes conduziu o tópico e, na outra, trocaram de papéis. Por exemplo: em uma interação o falante 1 conduz o tópico com o falante 2; e na outra inverte-se a situação, o falante 2 conduz o tópico na interação com o falante 1. Tal troca de papéis sociopessoais nos permite, portanto, controlar as relações de poder envolvidas a partir de quem está com o domínio do tópico na interação. O custo da imposição é controlado por meio do tipo de assunto que é introduzido, situações que vão da aparente neutralidade às que envolvem a preservação das faces negativa e positiva. A classificação do tipo de assunto introduzido na interação pode ser vista dentro de um *continuum* que vai do [-impositivo] ao [+impositivo]. (Figura 3)

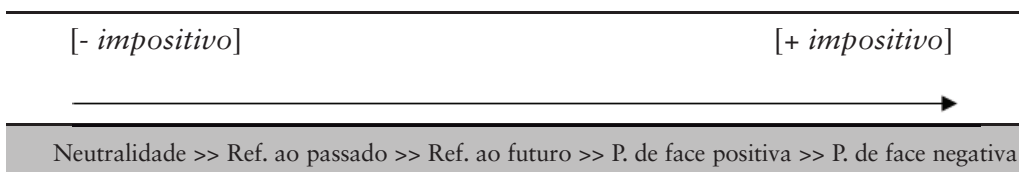


Figura 3 – *Continuum* do tipo de assunto quanto ao custo da imposição.

As categorias controladas possibilitam o estabelecimento das seguintes relações/conexões na rede social de informantes:

- cada informante mulher deve conduzir o tópico da interação com uma informante de grau 1 de proximidade, que também deve conduzi-lo em uma segunda interação;
- cada informante mulher deve conduzir o tópico da interação com um informante de grau 1 de proximidade, que também deve conduzi-lo em uma segunda interação;
- cada informante homem deve conduzir o tópico da interação com uma informante de grau 1 de proximidade, que também deve conduzi-lo em uma segunda interação;
- cada informante homem deve conduzir o tópico da interação com um informante de grau 1 de proximidade, que também deve conduzi-lo em uma segunda interação;
- cada informante mulher deve conduzir o tópico da interação com uma informante de grau 5 de proximidade, que também deve conduzi-lo em uma segunda interação;
- cada informante mulher deve conduzir o tópico da interação com um informante de grau 5 de proximidade, que também deve conduzi-lo em uma segunda interação;
- cada informante homem deve conduzir o tópico da interação com uma informante de grau 5 de proximidade, que também deve conduzi-lo em uma segunda interação;
- cada informante homem deve conduzir o tópico da interação com um informante de grau 5 de proximidade, que também deve conduzi-lo em uma segunda interação.

Cada informante interagiu com 4 pessoas diferentes (um homem e uma mulher, próximos dele; um homem e uma mulher, distantes dele) duas vezes, totalizando 32 interações conduzidas. Na Figura 4 delineamos a rede social formada pelas conexões estabelecidas entre os informantes na amostra.

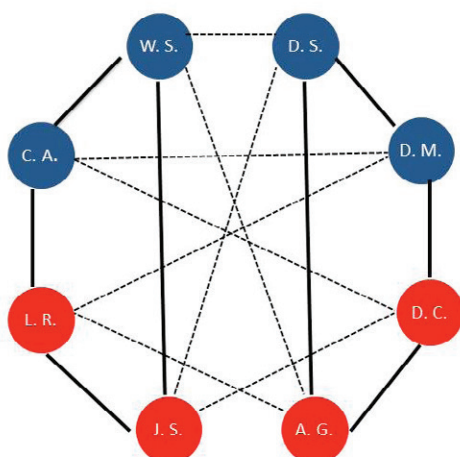


Figura 4 – Representação da rede social dos oito informantes universitários.

Os informantes do primeiro grupo (D.S., D. M., D. C. e A. G.) estão conectados por um laço forte, representado pela linha contínua, já que estes mantêm contanto diário, enquanto que todos eles mantêm laços fracos, representados pelas linhas tracejadas, com os membros do segundo grupo (W. S., C. A., L. R. e J. S.). Da mesma forma, os membros do segundo grupo mantêm laços fortes entre si, e laços fracos com os componentes do segundo grupo.

Na Figura 4, os representantes do sexo/gênero masculino estão representados pela cor azul, e os representantes do sexo/gênero feminino pela cor vermelha. A cada conexão de dois informantes, tivemos duas interações (em um primeiro momento um informante conduziu o tópico na interação, e em um segundo momento quem conduziu o tópico foi o que interagiu), totalizando 32 interações conduzidas.

3. GRAVAÇÃO DAS INTERAÇÕES

A fim de minimizar os efeitos do paradoxo do observador nas coletas, não houve entrevistador e nem roteiro de perguntas, foram os próprios informantes que selecionaram o tópico da interação a partir de situações descritas em cartões. No momento da gravação, disponibilizamos 50 cartões, com temas diversos sobre situações que recobrem:

- **neutralidade:**

“O aumento do uso de redes sociais online é exorbitante. Pessoas de todas as idades têm aderido a esse sistema de comunicação.”;

- **referência ao passado:**

“As intrigas sempre estão presentes entre os irmãos. Sempre há aquele momento em que um olha para o outro e diz: “nunca mais fale comigo”. Mas poucas horas depois eles já estão juntos novamente.”;
- **referência ao futuro**

“Pedro está terminando a graduação e está muito preocupado com a sua vida após a faculdade. Muitos são os planos.”;
- **preservação de face positiva**

“Diego e Bárbara foram aprovados no concurso de medicina da UFS através do sistema de cotas para alunos da rede pública. Ultimamente alguns alunos não cotistas se negam a desenvolver trabalhos acadêmicos com eles.”;
- **preservação de face negativa**

“A disfunção erétil, ou seja, a incapacidade de conseguir ereção satisfatória para o ato sexual, que pode ser ocasionada pela falta de desejo, pela ejaculação precoce ou retardada etc., traz insatisfação tanto para o homem quanto para a mulher.”

Para a elaboração das situações descritas nos cartões, realizamos grupos focais com homens e mulheres universitários, da mesma comunidade, em que se solicitou que listassem: i) cinco temas ou mais que você conversaria com alguém na sala de espera de um consultório; ii) cinco temas ou mais relacionados à coisas positivas de sua infância; iii) cinco temas ou mais relevantes para um universitário se posicionar; iv) cinco temas ou mais que um universitário não deveria falar sobre, por ser universitário; v) cinco temas ou mais sobre os quais você conversaria com um homem desconhecido/uma mulher desconhecida; vi) cinco temas ou mais sobre os quais você não conversaria com um homem desconhecido/uma mulher desconhecida; e vii) cinco temas ou mais sobre os quais você conversaria com uma amiga íntima/amigo íntimo. A partir da recorrência das respostas dadas, selecionamos temas e elaboramos situações que vão da aparente neutralidade a situações que envolvem a preservação das faces positiva e negativa.

Para a coleta da interação, cada informante escolheu aleatoriamente 10 cartões (dois de cada tipo). A partir da situação descrita no cartão, o informante deveria identificar o tema abordado e conduzir a conversa com o seu interlocutor sobre este. Por exemplo, na situação descrita referente à preservação de face negativa, um dos temas abordado é a disfunção erétil. Trata-se de um tema bastante delicado para conversar com alguém, até mesmo entre pessoas que tenham um grau de proximidade alto. Ao abordar essa temática, o informante coloca a sua face positiva em risco e em evidência a negativa. Ao tentar preservar-se, o

informante pode recorrer às estratégias de polidez e, dessa forma, minimizar os custos da imposição. Então poderia, por exemplo, abordar o assunto de forma tangencial, sem precisar perguntar diretamente se o interlocutor já “brochou” alguma vez, e perguntar: o que o informante faria se soubesse que seu companheiro andou expondo a vida íntima do casal para os colegas, o que o informante acha da atitude das pessoas que saem expondo sua intimidade ou que saem falando que o seu companheiro “brochou”, etc.

A fim de garantir uma condição de interação que se aproximasse ao máximo possível de uma situação real e espontânea de interação, foi adotado o seguinte protocolo para a realização da coleta:

- identificar o informante com perfil compatível para participar das interações;
- esclarecer ao informante sobre a finalidade da coleta;
- obter do informante a concordância em participar da interação, resguardando seu anonimato;
- planejar com o informante os encontros para a coleta de cada uma das oito interações de no mínimo 40 minutos;
- escolher um lugar bem silencioso para a gravação da interação;
- orientar ao informante sobre como proceder na interação com o seu interlocutor:
 - há cinquenta cartões coloridos, o informante deve escolher dois cartões de cada cor;
 - a partir da situação descrita no cartão, o informante deve identificar o tema abordado e conduzir a conversa com o seu interlocutor, até esgotar o assunto e passar ao tema do cartão seguinte.
- deixar o gravador ligado desde o início da interação;
- após a gravação da interação, solicitar que o informante preencha a ficha social, bem como o Termo de Consentimento Livre Esclarecido;
- após cada interação, preencher o campo sobre o grau de relação entre os informantes participantes.

Finalizada a coleta das interações conduzidas entre os informantes, procedeu-se ao processo de transcrição das interações. Adotamos as normas utilizadas pelo Grupo de Estudos em Linguagem Interação e Sociedade (GELINS). Organizamos o *corpus* e criamos um código de identificação para cada um dos informantes, resguardando assim, o anonimato. Seguidos estes procedimentos, constituímos a “Rede Social de Informantes Universitários” (amostra de interações conduzidas), que faz parte do Banco de Dados “Falares Sergipanos” (FREITAG, 2013), que segue duas linhas de coleta – a de comunidades de fala (estratificação homogênea) e a de comunidades de práticas (relações sociopessoais). Atendendo às

diretrizes norteadoras de pesquisa envolvendo humanos, normatizada e regulamentada no Brasil pela Resolução 196/96, o projeto Falares Sergipanos foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe, o qual está vinculado ao Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa – SISNEP recebendo certificado de atendimento às diretrizes éticas de pesquisa de 0386.0.107.000-11.

4. EXCERTOS DA AMOSTRA

A título de ilustração, vejamos um excerto de cada tipo de situação – neutralidade, referência ao passado, referência ao futuro, estratégia de polidez positiva, estratégia de polidez negativa – da amostra constituída. Dispomos primeiramente o comando da situação e em seguida apresentamos o dado produzido.

1. Situação de neutralidade

Comando:

Atualmente, o aumento da procura de remédios genéricos vem crescendo, tal comportamento é decorrente do seu valor, mas mesmo assim, muitas pessoas não optam por esse tipo de medicamento.

Excerto 1:

F1: (...) *sobre a questão dos remédios genéricos assim o que é que você acha você acha que ele tem o mesmo... aquela questão de valor né por ser mais barato do que o... o medicamento comum você acha que ele tem o mesmo... assim faz o mesmo efeito ou você prefere na hora de comprar um remédio ir mais pelo original não pelo genérico?*

F2: olha assim... eu mesmo desconheço... esse remédio genérico porque... eu não me lembro o dia que eu tomei um genérico... na minha vida... eu ouço muito falar gente que prefere mesmo tanto por causa do valor mas eu creio assim... que ele não vai ter a mesma... o mesmo poder de finalidade do que o normal... não tem... porque se tivesse eles não queriam fazer mais barato né? você vê porque se se eles realmente ti- é tivessem... fosse a mesma coisa em relação a... o seu poder né de cura o ()... você vê que os outros iam deixar de existir mas não... existe tanto um quanto o outro né? (A.G._{cdt} W.S._{sdt} D_{FM} 07)

2. Situação com referência ao passado

Comando:

Ana era uma criança muito traquina. Todas as vezes em que saía para algum lugar, aprontava alguma.

Excerto 2:

F1: *David quando você era assim mais novo criança dava muito trabalho a sua mãe seus pais?*

F2: nunca dei trabalho a meu pai... sempre fui um menino comportado... minha cara de no... de inocente...

F1: *quando sai pra algum lugar assim com eles pra passear pra ir pro cinema um teatro pra algum lugar assim você você aprontava muito ou sempre se comportava direitinho?*

F2: eu sempre me comportava... (A.G._{cdt} D.S._{sdt} P F_M 05)

3. Situação com referência ao futuro

Comando:

Pedro está terminando a graduação e está muito preocupado com a sua vida após a faculdade. Muitos são os planos.

Excerto 3:

F1: *é... vamo lá... quais são as perspectivas que você vê ao terminar a universidade?... é ferro né... ((RISOS))*

F2: rapaz... () sair daqui... tá meio difícil porque a gente já não ve concurso né na área da gente... já não tem quase... eu fico pensando mais em sair daqui pegar o... o diploma de de ensino superior e... tentar aí esses concursos de nível superior porque se for pra esperar pra concurso na área da gente velho... tá osso viu... a gente vê aí dez anos cinco anos doze anos pra passar um concurso que vem cinco seis vagas na área da gente... aí arriscando... porque tá osso pra... emprego... meio complicado velho... pra trabalhar no comércio aqui hoje você trabalhar de domingo a domingo praticamente pra ganhar um salário mínimo se matando... é () e você vai fazer o quê? (D.S.cdt D.M.sdt P MM 01)

4. Situação de preservação de face positiva

Comando:

Maltratar animais é crime e prevê pena de 3 meses a um ano de detenção. Bruna e Letícia presenciaram o vizinho espancando um cachorro. Bruna pensou de imediato em acionar a polícia militar ambiental, já Letícia pensou em prestar atendimento ao animal.

Excerto 4:

F1: *é... questão de saúde a gente tá falando de saúde... de pessoas assim agora a questão sobre animais... que a gente sabe que muita gente... maltrata os animais né nas <<ru>> os animais que são... que estão nas ruas... sem abrigo e aí tem as vezes pessoas ou até mesmo pessoas que tem animais em casa e maltrata espanca... os animais né... e aí... tipo assim se você visse alguém maltratando um animal você imediatamente você ia ajudar... aquele animal assim resgatar aquele animal pra tentar ajudar levar pra um hospital ou você poderia já imediatamente já ligar pra polícia... ver o que tava acontecendo... como é que seria a sua reação?...*

F2: *olhe eu eu não sei eu nun- nunca presenciei um caso desse assim eu não sei qual seria a minha reação se... eu eu acho que provavelmente seria de primeiro tentar ajudar o animal... eu não sou uma pessoa que gosta de ter animais em casa... mas também não gosto de ver... é... maltratá-los né... eu acho assim se você principalmente se for a pessoa que cria... pega um animal pra criar... a partir de um certo tempo por principalmente a gente vê acontecer casos de cachorro ou gato fica velho a pessoa já não quer mais... (...)*

5. Situação de preservação de face negativa

Comando:

Luana e Brena estavam lembrando da primeira vez delas. Em meio a tantas gargalhadas, a mãe das duas chegou sem que elas percebessem e descobriu que elas perderam a virgindade muito antes do que ela imaginava, o que a deixou muito magoada.

Excerto 5:

F1: *é o seguinte agora essa aqui... é muita...*

F2: ((RISOS)) (o quê que eu digo?) quero responder esse não... passa <<pra>> outra...

F1: (hes) em relação à sua primeira vez... assim ficou sabendo você e o seu namorado no caso... mas... ã?...
[

F2: passe <<pra>> outra eu prefiro () eu prefiro que você passe <<pra>> outra...

F1: <<pá>> frente? <<pra>> outra... mas () ser besteira... eu ia perguntar qual foi a primeira pessoa que você chegou se você chegou <<pra>> mãe <<pra>> conversar sobre isso... (W.S._{cdt} A.G._{sdt} D M_F 28)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos ter contribuído com uma metodologia de coleta de dados, que se mostrou produtiva para captar nuances de polidez. A amostra “Rede Social de Informantes Universitários” está disponível para toda a comunidade acadêmica, podendo subsidiar várias pesquisas que irão contribuir para a descrição do português falado no agreste sergipano, a partir de dados de fala de informantes da comunidade de prática, de alunos da Universidade Federal de Sergipe, *campus* Prof. Alberto Carvalho, situado no município de Itabaiana/SE, e consequentemente para a descrição do português falado no Brasil. Até o momento, esse banco de dados já subsidiou a pesquisa de Araujo (2014), sobre os efeitos da polidez no uso do futuro do pretérito em português e a de Santos (2014), sobre a variação de “nós/a gente” e a polidez.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, A. S. *Você me faria um favor?: o futuro do pretérito e a expressão de polidez*. Sergipe, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe.
- BATTISTI, E. O estudo sociolinguístico da variação. In: *Anais do CELSUL*, 2008, p. 1-13.
- BLAKE, R.; JOSEY, M. The /ay/ diphthong in Martha's Vineyard community: what can we say 40 years after Labov? *Language in Society*, Cambridge: Cambridge University Press, v.4, n. 32, p.451-485, 2003.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. F. *Linguagem. Gênero. Sexualidade*. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 93-108.
- FREITAG, R. M. K. Banco de dados falares sergipanos. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis: PPGLg, v. 14, p. 156-164, 2013.
- _____. O controle dos efeitos estilísticos dos papéis sociopessoais e do sexo/gênero na entrevista sociolinguística. In: *Anais do II Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística – CIDS*, p. 289-296, 2012.
- FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo: v. 56, n.3, p. 917-944, 2012.
- MEYERHOFF, M. *Introducing Sociolinguistics*. New York: Routledge, 2006.
- MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. Eds. *The handbook of language variation and change*. Oxford Blackwell Publishing, 2002.
- OUSHIRO, L. *Uma análise variacionista para as Interrogativas-Q*. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- SANTOS, K. C. *Estratégias de polidez e a variação de nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe*. Sergipe, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe.

